

99/14

LUCIENE BEZERRA CAMPISTA

A IMPORTÂNCIA DA ESPERANÇA
A ESCOLA QUE REPRODUZ TAMBÉM PODE PRODUZIR .

RIO DE JANEIRO

1999

LUCIENE BEZERRA CAMPISTA

**A IMPORTÂNCIA DA ESPERANÇA
A ESCOLA QUE REPRODUZ TAMBÉM PODE PRODUZIR .**

Universidade do Rio de Janeiro

Centro de Ciências Humanas

Escola de Educação

Departamento de Didática

Disciplina : Monografia

Reitor: Hans Jürgen Fernando Dolmann

Decano: Maria Teresa Wiltgen Tavares da Costa Fontoura

Diretora: Janete de Oliveira Elias.

Chefe de Departamento: Edilson Florentino da Silva

Professora: Mônica Cerbella Freire Mandarino

**A IMPORTÂNCIA DA ESPERANÇA
A ESCOLA QUE REPRODUZ TAMBÉM PODE PRODUZIR.**

LUCIENE BEZERRA CAMPISTA

**Monografia apresentada à Escola de
Educação da Universidade do Rio
de Janeiro - Uni-Rio para obtenção
de grau de licenciado em Pedagogia.**

Professora Orientadora: Angela de Souza Martins.

RIO DE JANEIRO

1999

**CAMPISTA, Luciene Bezerra. A Importância da Esperança - A
escola que reproduz também pode produzir - Rio de Janeiro :
Universidade do Rio de Janeiro - Centro de Ciências Humanas ,
Escola de Educação , 1999.**

**CAMPISTA, Luciene Bezerra. A importância
da esperança . A escola que reproduz
também pode produzir . Luciene Bezerra
Campista - Rio de Janeiro , 1999, p 39**

- Inclui bibliografia.

**Monografia, apresentada à Escola de
Educação como requisito para obtenção
de grau de licenciado em Pedagogia.**

1 - Educação- Formação de Professores

2 - Escola de Educação

3 - Título

Agradecimentos

Agora que esta chegando o momento tão esperado que é conseguir me forma no curso de Pedagogia neste estabelecimento, olhar para trás me faz recordar todo o esforço e luta por que passamos, eu e meus companheiros de jornada.

À Deus agradeço em primeiro lugar, pois mesmo nas horas mais difíceis onde o cansaço, o desânimo devido a problemas de saúde que me perseguiu, sua força me levantou e me fez caminhar em frente. Seu poder me guiou e continuará a guiar.

Agradeço a meu pai que na infância cumpriu seu papel de pai e amigo me proporcionando a chance de estudar. Especialmente a minha querida mãe que sempre me incentivou a prosseguir nos estudos, como forma de crescer como pessoa. Eles, sem dúvida, merecem todo o meu carinho e reconhecimento.

Aos amigos da faculdade também deixo meu reconhecimento, pois em muitos momentos de dificuldade com a minha saúde, foram solidários com a minha pessoa. Em especial as amigas Viviane Monte e Lúcia Antônia que muito me ajudaram.

Agradeço ainda aos grandes mestres que conheci nesta universidade por terem me proporcionado a aquisição de conhecimentos tão importantes para a caminhada nesta profissão que é ser educadora. Em especial a professora Angela Martins, "Grande Pessoa", que com dedicação têm me auxiliado neste trabalho muito importante neste final de percurso.

Resumo

As teorias crítico reprodutivistas procuram “desvendar” a função política da Escola nas sociedades capitalista. Segundo seu ponto de vista a escola, neste tipo de sociedade, serve de instrumento de dominação e perpetuação das relações de classe. A maior parte dos autores desta linha de análise, deixam claro que parece não existir possibilidade de mudar esta situação. É fato que a escola é amplamente controlada pelo Estado e que este representa as classes dominantes, porém ficar preso a tais preceitos dificilmente nos levaria a busca de uma saída. Por isso, um olhar crítico sobre tais preceitos se faz necessário. A importância da esperança no trabalho da escola como lugar de resistência é essencial no processo de transformação de nossa realidade hoje. Desta forma buscar outras fontes teóricas é essencial na busca de respostas. As teorias da emancipação, sem dúvida, nos mostra outra realidade, ou pelo menos, outro ponto de vista. Segundo alguns de seus grandes defensores a escola, antes reproduzir as relações sociais de desigualdade, produz formas de resistência e luta, pois é um espaço vivo, onde é possível se promover a contra-ideologia, como forma de desmascaramento e conscientização dos alunos. Para isso conta com um grande aliado nesta luta, o professor. Este profissional, segundo a teoria da emancipação, é o grande “baluarte” que pode contribuir significativamente no processo de emancipação do aluno e daí, colaborar amplamente na transformação da sociedade. Uma prática pedagógica visando a emancipação requer um compromisso do educador. Compromisso com seu aluno, com as massas exploradas, oferecendo todo seu potencial na lutas para superação das desigualdades.

Sumário

1 - Introdução	07
2 - A escola que reproduz	11
2.1. As teorias sociológicas da reprodução educacional	11
2.2. Como a escola reproduz em nossa sociedade.	15
3 - A importância da esperança na Escola	20
3.1. Um olhar crítico as teorias crítico reprodutivistas	20
3.2. A importância da esperança na escola	22
4 - O professor como possibilidade	27
4.1 - Educar - Uma prática política	27
4.1.1 - Como o trabalho do professora contribui na reprodução social	27
4.1.2 - A prática pedagógica para emancipação	29
5 - Conclusão	36
6 - Referências Bibliográficas	

1 - Introdução.

Ao longo da história, a educação formal nas sociedades capitalistas sempre esteve voltada, de uma forma ou de outra, para a reprodução das relações sociais, fruto de relações antagônicas de classes e de poder que têm por objetivo a manutenção dos privilégios daqueles que detêm os meios de produção.

Esta manutenção é possível quando as massas trabalhadoras não percebem sua posição de exploradas acreditando ser natural essa divisão de classe, não procurando respostas para conceberem formas de mudança ou possibilidades de luta por uma sociedade igualitária, menos injusta e mais democrática.

Em nossa sociedade, a escola, freqüentemente, deixa de ser um local de instrução, desenvolvimento físico e intelectual do homem, para transformar-se em instrumento de uma estrutura social injusta e desigual. Por isso, é possível afirmar que a educação não é neutra.

O presente trabalho pretende fazer, inicialmente, uma análise sobre a escola de forma a encontrar nesta, traços de uma possível intervenção política que promove a reprodução das relações sociais, ou seja, verificar como a escola funciona dentro desta perspectiva. De que forma esta, através de suas práticas, colabora para esta reprodução ou não.

Procurará mostrar como a escola e a educação são aliadas do poder dominante, observando como se criou - uma escola "boa" voltada para uma "parte" privilegiada da sociedade e outra "nem tanto" para atender o restante dos membros da mesma.

Com o passar dos anos esta perspectiva de educação não nos abandonou e muitos foram os teóricos da sociologia da educação que tomaram a escola como foco de seus estudos. Este trabalho, que é uma pesquisa bibliográfica, está fundamentado em alguns destes teóricos.

Os principais autores que servirão de embasamento para as primeiras considerações deste trabalho serão aqueles da linha crítico reprodutivista da educação. Serão utilizados o referencial teórico de Althusser e Bourdieu.

Esta linha de análise revela as relações entre escola e Estado Capitalista, e acaba por chegar a conclusões amargas para os educadores: a escola, nestas sociedades, fatalmente é manipulada pelo Estado a serviço de seus interesses e dos grupos economicamente dominantes. A conclusão se impõe - a escola é uma agência econômica e política a serviço da manutenção e reprodução social.

Althusser (1983) é o autor que caracteriza a escola como um "Aparelho Ideológico do Estado" (AIE). Nesta perspectiva a escola assegura que se reproduza a força de trabalho, para isso inculca nos indivíduos, as formas de justificação, legitimação e disfarce das diferenças e conflitos de classe.

Para Althusser (1983), a inculcação se dá de maneira disfarçada, com o consentimento dos indivíduos que sofrem a violência da "ação pedagógica" sob forma de ideologia.

Bourdieu(1974) analisa o sistema educacional nas sociedades capitalistas, como instituições da reprodução cultural e conseqüentemente reprodução da estrutura de classe, imposta por uma classe sobre a outra, ou seja, segundo seu ponto de vista são impostos aos educandos formas de pensamento que cria nos mesmos, predisposições para agirem segundo um certo código de normas e valores que os caracteriza como pertencentes a um certo grupo ou classe.

O interesse pelo tema apontado "A importância da esperança - A escola que reproduz também pode produzir.", vem acompanhado de uma inquietação pessoal diante de um possível fatalismo ou determinismo da escola reprodutora simples e incontestavelmente estática.

Quando nos deparamos com realidade tão desfavorável em que está inserida nossa educação, facilmente cairíamos no desânimo diante de tal realidade, não procurando resposta suficientemente esclarecedora que possibilitasse formas de luta ou resistência.

Por isso, este trabalho não se prestará unicamente a tomar como base a escola reprodutivista e as teorias crítico reprodutivistas. Pretende mais do que isso.

Partir deste pressuposto é essencialmente necessário para uma visão geral da educação, porém ficar preso a teorias tão radicais, acaba por levar o estudo a uma forma de estagnação ou ponto final. Se a escola se presta unicamente ao papel de aliada das forças políticas antidemocráticas e as formas de resistência são impossíveis, como vislumbrar uma saída?

Daí a necessidade de se olhar o outro lado da moeda. Para isso será lançado um olhar crítico sobre as teorias críticas reprodutivistas e posteriormente uma busca de outros pensamentos e pensadores.

Estes pensadores são aqueles que agora passam a propor uma nova teoria sobre a educação, aqui tratada pelo nome de teoria da emancipação ou da possibilidade.

Os pensadores desta linha compreendem que as relações de poder e a difusão da ideologia dominante existem na escola, porém acreditam que as relações que se estabelecem dentro desta, também são dinâmicas e contraditórias, o que possibilita uma contra-ideologia. Para desenvolver essa perspectiva, utilizaremos os teóricos Henry Giroux e Paulo Freire.

Para Giroux(1997), a escola não é um simples instrumento de propagação e reprodução das diferenças sociais, ele acredita que a escola, além de ser um local de instrução, é acima de tudo um espaço de luta.

Giroux(1997) confia muito no trabalho do professor. Este profissional, de acordo com seu ponto de vista, poderá contribuir muito como mediador de mudanças, para isso deve ser um intelectual transformador.

Outro grande autor, Paulo Freire, trará contribuições, fundamentais para este trabalho.

Paulo Freire foi e será sempre um grande mestre em educação, um dos maiores que o mundo conheceu. Ele contagia com seu otimismo as mentes mais descrentes, ao afirmar, entre outras coisas, que o sonho é possível porque não há, na verdade, sonhos impossíveis; que a esperança não floresce na apatia e que esta é condição indispensável para transformação.

Sua obra colabora muito na conscientização daqueles que fazem da educação seu maior bem, incentivando muitos a lutarem para não caírem no pessimismo que silencia.

O professor como possibilidade será a apreciação final que fechará o trabalho. Sobre o olhar atento de alguns autores será possível compreender o papel mais expressivo deste profissional na perspectiva emancipatória, mesmo partindo de condições tão desfavoráveis como as dificuldades encontradas por ele em sua carreira. Tudo isso tomando como base nossa sociedade.

Enfim, a palavra de ordem que permeará este trabalho de pesquisa será exatamente descrito na perspectiva da esperança como forma de luta e resistência, sem a qual não é possível a construção de uma nova escola. Uma escola que, de fato, trabalhe pelo bem comum, mesmo que o bem comum esteja em desacordo com os donos do poder.

2 - A escola que reproduz .

2.1 - As teorias sociológicas da reprodução educacional.

As teorias crítico reprodutivistas ao longo das últimas décadas, vêm tentando “desvendar “ a função política da escola nas sociedades. Sobre seu ponto de vista , a escola em sociedades capitalistas, é um instrumento de dominação e perpetuação das divisões sociais.

Um expressivo representante deste pensamento, Althusser (1983), trouxe importante contribuição para uma análise das relações da educação/sociedade . Esse autor, ao formular a teoria dos aparelhos ideológicos do Estado, constata que o salário converte o trabalhador em força bruta de trabalho, e um ser submetido e passivo às normas de exploração. Para o fiel cumprimento deste papel, o homem interioriza as normas da sociedade burguesa e a autorepressão , ou seja , ele interioriza as relações de dominação.

Para Althusser (1983), existem dois modos pelos quais esta dominação se efetua : a) pela força , através de aparelhos repressivos do Estado - polícia, exército , tribunais; b) pela ideologia , através dos aparelhos ideológicos do Estado, entre eles, a Escola.

A escola sendo um aparelho ideológico , na visão de Althusser (1983) funciona de maneira maciçamente ideológica , embora de forma atenuada , dissimulada ou simbólica. “ *a escola toma a si a responsabilidade de, durante anos inculcar a ideologia dominante, envolta em cultura específica ou literária.*” p. 79

A ideologia segundo Chaüi (1995), é a incorporação de idéias prontas, e aceitas como verdades . Para a autora , a principal função da ideologia é ocultar as divisões sociais e políticas e dar-lhe aparência de diferenças naturais entre os seres humanos.

A criança, segundo o pensamento crítico reprodutivista, desde muito cedo, mesmo quando em sua inocência , aprende a ler , escrever , contar , a obedecer e a se resignar, aprende segundo ideologias . O pior disso tudo é

que aprende através da ideologia dominante em estado puro (moral, cívica, filosófica , etc).

Em nossa sociedade este ponto de vista pode ser verificado e facilmente identificado. A política educacional no país, ao longo da nossa história, nunca pretendeu fazer da educação um mecanismo de mobilidade social da massa populacional, ao contrário , buscou sempre uma mecanização do ensino que no máximo desse ao educando uma base de conhecimento , porém um conhecimento sem uma estrutura crítica o suficiente que o permitisse construir uma mentalidade questionadora ou um desenvolvimento intelectual que o possibilitasse crescer socialmente.

Na visão de Silva (1992) , o acesso e permanência no sistema de ensino depende da classe social. Os estudantes que dele saem , nos diferentes níveis , têm oportunidade de experimentar relações sociais diferentes , de acordo com sua classe social. Os diferentes tipos de escolas enfatizam diferentes tipos de relações sociais. As escolas as quais têm acesso às crianças destinadas ao trabalho manual enfatizam relações sociais de submissão e subordinação. Enquanto que inversamente, em escolas freqüentadas pelas crianças das classes dominantes predominam relações que enfatizam o autocontrole e domínio.

O efeito combinado dessas duas características estruturais, em sua opinião, teria como resultado a produção de diferentes tipos de personalidades que corresponderiam com as diferentes posições na hierarquia social.

Oferecem escolas à população , porém estas não são para todos e nem igual para a maior parte. As práticas educacionais e os conteúdos programáticos, na visão dos autores da escola reprodutivista, estão permeados pela ideologia dominante que deixa de retratar a realidade social dos alunos e valorizar sua cultura. E desta forma a escola não é um espaço verdadeiramente democrático.

Althusser (1983), deixa claro que as divisões se evidenciam quando é verificado que uma parcela significativa do contingente de educandos que deixa as escolas nas sociedades capitalistas, está provido de uma ideologia que convém ao papel do explorado - com consciência profissional, moral , civismo,

nacionalismo e apoliticismo; ou no papel de agentes de exploração - Saber mandar, falar, calar e fazer-se obedecer pela força ou pela demagogia retórica.

Bourdieu e Passeron (1975), também formularam uma teoria para explicar as relações educação-sociedade. Para eles, o sistema de ensino contribui de maneira incontestável para perpetuar a estrutura das relações de classe e mesmo legitimá-las. A escola, de acordo com esta concepção, é uma instituição de reprodução cultural e da ordem estabelecida.

Bourdieu e Passeron (1975) fazem uma análise crítica e rigorosa a função da educação nas sociedades de classe. Esta análise contém proposições acerca da educação como um mecanismo de inculcação dos valores que legitimam e dissimulam as relações de força entre as classes; criam a Teoria da Violência Simbólica.

Bourdieu (1974) em sua obra, analisa a problemática do capital cultural e sua super-valorização pelos meios de ensino, como fator essencial da reprodução social.

Para este autor, a ação pedagógica no sistema de ensino, reproduz as relações de força constitutivas das formações culturais, impondo certas significações em harmonia com o “patrimônio” cultural vindo das classes dominantes. Toda sua prática é desenvolvida para crianças que detém este código cultural, pois tal “patrimônio” é considerado como se fosse “a” cultura. A este padrão cultural é dado o termo de Capital Cultural, as demais culturas são encaradas como sub-cultura.

Os bens culturais são, assim como enfatiza Bourdieu (1974), transmitidos pelas gerações anteriores, e só podem ser apreendidos naturalmente como tais, por aqueles que detém os códigos que os permitam reproduzir e decifrar tal cultura.

Na visão de Giroux (1997), a questão da valorização e imposição de uma cultura sobre a outra, além de promover a violência simbólica contra os estudantes, desvaloriza o capital cultural que possuem, impondo a ideologia dominante que pretende moldar o pensamento, disfarçando as desigualdades sociais e promovendo a alienação. Isso acontece através de práticas

curriculares que só implantam “superficialidades” das culturas populares , ignorando o relacionamento entre conhecimento e poder. Apenam para os interesses comuns, idéias de nação como se não existissem contradições entre seus membros.

A partir das referências dos autores, pode-se compreender o motivo pelo qual os indivíduos vindos das classes altas, melhor assimilam as práticas escolares, conseguindo , na sua grande maioria, alcançar carreiras de grande prestígio social . Isso acontece porque eles reproduzem o que receberam de sua família , de suas experiências e vivências , que são os valores que as escolas reafirmam.

Ao passo que, os alunos provenientes das classes populares acabam por fracassarem, pelo simples fato de não dominarem este código, encontrando dificuldade em seguir na carreira acadêmica.

Muitos ficam pelo caminho, grande parte no ensino fundamental, e uma outra parte até consegue terminar o curso técnico, porém, para servir de mão de obra. Muitos destes alunos acabam por sofrer pelo preconceito que o impede de alcançar posição respeitável na sociedade. São auto-eliminados levando ao fracasso e a exclusão social.

“Há uma tendência em duplicar os efeitos simbólicos e econômicos da distribuição desigual do capital cultural ao mesmo tempo que os dissimula e os legitima - a escola cumpre seu papel na manutenção das diferenças culturais e sociais”. (Bourdieu, 1974. p. 311).

Ao levantarem tais proposições de análise, a maioria dos autores da linha radical reprodutivista, o fazem de modo a deixar claro que parece não existir uma possibilidade de mudança na educação das sociedades capitalistas. Dentro de suas perspectivas, o papel da escola e do corpo docente fica restrito a um “forma” institucional e exclusivamente reprodutivista.

2.2 - Como a escola reproduz em nossa sociedade.

Parece mais que evidente que a escola nas sociedades humanas é, ou pelo menos deveria ser, fator estratégico para o desenvolvimento econômico ou social de uma nação. Pois, é através dela que o homem cria as condições necessárias para desenvolver todas as suas potencialidade e capacidades para realizar-se socio-individualmente, se tornando, assim, um membro atuante no mercado de trabalho e colaborando no progresso de seu País .

De acordo com Giroux (1997), a escola tem importante papel no caminho para a transformação da sociedade. A ela cabe o papel de desenvolver no homem a capacidade de entendimento do mundo e dos fenômenos que nele ocorrem. Também seria objetivo dela, formar este homem com capacidade para assumir diante de sua realidade um posicionamento crítico onde ele tivesse opção de escolha, discernimento, confiança e que pudesse opinar, ter argumento que o permitisse questionar sempre o sistema social a que pertence.

Esta escola porém para que funcionasse deveria ter esses fundamentos alcançados. Deveria ainda, estar disponível a todos os integrantes da sociedade , sem distinção de sexo, cor ou posição sócio-cultural. Para isso a escola teria que ser ministrada de maneira democrática e transparente, sendo realmente oferecida e levada a todos os cantos do país , sem que assim nenhuma criança ou adolescente ficasse fora dela.

A própria Lei das Diretrizes e Bases da Educação (Lei 9394/96) “reafirma” tais preceitos, pelo menos alguns deles. Em seu título que trata dos princípios e fins da Educação Nacional, aponta a igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; a gestão democrática do ensino público; a garantia do padrão de qualidade.ⁱ

De acordo com a Lei, o sistema de ensino brasileiro é caracteristicamente democrático. No entanto , a nossa realidade está desassociada deste contexto. A escola não é democrática, pois a sociedade em que vivemos não é democrática. A principal instituição que poderia compensar as diferenças produzidas na sociedade, contribui na reprodução das

ⁱ LDB nº 9394, capítulo II. - Título II. 20 de dezembro de 1996.

desigualdades, dificultando aos membros das classes menos favorecidas o direito de acesso à cultura e liberdade econômica.

Segundo Paulo Freire (1986), não é a educação que modela a sociedade, mas ao contrário, a sociedade é que modela a educação segundo a interesses de quem detêm o poder.

A escola nesta perspectiva, reproduz as relações econômicas em que se baseiam as relações de produção que estruturam a sociedade capitalista.

Para Illich (1974) a escola reproduz e mantém as relações de poder vigentes na sociedade, e o faz com o uso de monopólio que a instituição lhe confere. Segundo ele, a escola agrupa as pessoas segundo as idades. Este agrupamento se funda de acordo com as seguintes premissas indiscutíveis: a - as crianças aprendem na escola; b - as crianças somente podem ser ensinadas nas escolas.

Para este autor a escola separa a educação da realidade. Nela os alunos são submetidos ao julgamento de um outro, que é o que vai determinar o que ele vai aprender em que momento deve aprender, e que se julga habilitado a medir os resultados de um programa elaborado por um outro. E ao aluno não resta outro papel senão o de absorver o que foi preparado - torna-se um consumidor, com toda a passividade e inércia que o termo implica. O mestre comanda, os alunos obedecem. O mestre se sente investido de um poder ilimitado e o pior é que ele leva a sério seu papel: ele se convence que tem que jogar não apenas o papel de ensinar, como diretor de consciência.

O autor se mostra muito crítico quando percebe as características que permeiam as práticas escolares. As formas pelas quais se determinam como o aluno é tratado, limitado, desrespeitado em seu direito de crescer.

A nossa escola, sobretudo a escola pública que atende ao contingente estudantil pertencente a maioria da população, está cheia das influências de práticas pedagógicas "reprodutivistas" ou "estagnadoras". A política educacional que gerencia em grande parte a prática escolar, ao longo de nossa história, nunca pretendeu fazer da educação um mecanismo de mobilidade social da massa populacional, ao contrário, buscou sempre uma mecanização do ensino que no máximo daria ao educando uma base de conhecimento, porém

este, sem uma estrutura que pudesse construir mentes que pensam e agem por si próprias. É um jogo de poder , onde quem sai perdendo é o aluno.

Soares (1988), reconhece a nossa escola como sendo uma instituição a serviço da sociedade capitalista, assumindo, valorizando e reproduzindo a cultura da classe dominante. O aluno proveniente das classes dominadas nela encontra padrões culturais que não são os seus e que são apresentados como “certos” enquanto os seus próprios padrões são ignorados como inexistentes ,ou desprezados como errados.

De acordo com a autora , os testes e provas são culturalmente preconceituosos, constituídos a partir de pressuposto etnocêntricos, que supõe familiaridade com conceitos e informações próprios do universo cultural da classe dominante.

A escola brasileira que serve as camadas populares, está realmente contaminada de práticas destrutivas, que não estão associadas com a humanização de seus educandos.

Lembo (1975) enumera um conjunto destas práticas que considera destrutivas do processo educativo. A primeira delas está relacionada ao emprego de um conjunto de condições de aprendizagem para manipular e adequar - num processo homegeneizador - cobrando do aluno atitudes e habilidades que não estão de acordo com sua realidade cultural e social - de forma autoritária e antidemocrática. Procuram colocar uma padronização com a forma da cultura dominante.

O segundo aspecto diz respeito a insistência a inadequação. Para muitos estudantes a escola proporciona uma distorção e oposição com a sua realidade. Toda a prática educacional da escola está quase sempre dissociada de seus interesses, experiências e valores.

O terceiro aspecto refere-se a distorção do conteúdo escolar da realidade do educando. Segundo o autor o conteúdo escolar nas escolas públicas , trabalha quase sempre dissociada do real. Raramente a escola explora os problemas sociais, econômicos , as injustiças. Geralmente destacam a liberdade, democracia, igualdade de condições, porém de forma distorcida.

Um quarto item destacado pelo autor, é a desvalorização do mundo do educando . A escola evita proporcionar aos alunos oportunidades em que possam relatar suas experiências . Ela dificilmente permite ao aluno relatar suas observações pessoais, expressar suas idéias , envolver-se em discussões e debates; interpretar e avaliar o sentido de sua vida fora de seus muros.

E por último e igualmente relevante, na perspectiva deste autor, é o que se refere à prática do professor. Este geralmente, emprega estratégias de coerção e de controle , que são trabalhados com métodos e matérias inadequadas . Indiscutivelmente para Lembo (1975) , tais procedimento são responsáveis pela maior parte do insucesso do aluno.

A escola costuma proceder assim, basicamente, em função de uma cultura que se estabeleceu de suas práticas e modos de proceder. Este ponto de vista é defendido pelas autoras Moll e Abramowicz (1997).

Segundo essas autoras, velhas realidades sociais que são as desigualdades e os múltiplos processos de exclusão e marginalização nunca nos abandonaram. Assim como as velhas realidades educacionais , que são as desiguais oportunidades sócio-culturais da infância pobre e os perenes mecanismos de exclusão de nosso sistema de escolar.

Moll e Abramowicz (1997).consideram que em nossas escolas há uma indústria e uma cultura da exclusão. *“Aceitar que existe uma cultura escolar significa trabalhar com o suposto de que os diversos indivíduos que dela fazem parte, devem se adaptar a seus valores, as crenças e aos comportamentos institucionais”*. (p. 46)

As autoras perceberam que esta cultura faz com que a escola legitime condutas, currículos, avaliações, grades, séries, disciplinas, tomando os tradicionais processo de exclusão popular explicáveis, legítimos e pedagógico. Legitimam ainda, suas concepções elitistas, seletivas e excludentes.

Essa cultura escolar, faz com que velhos “erros” insistam em se manter, trazendo consigo, uma absurda exclusão de parte de sua população em idade educacional. Esta exclusão é promovida por um perverso processo de seletividade social, que por sua vez traz conseqüências individuais e sociais dificilmente superáveis.

Esta seletividade pode ser percebida quando é verificado os números do fracasso escolar neste país. Estes, nas proporções existentes, apontam a natureza excludente da nossa escola. Não é possível negar tal realidade, principalmente quando se leva em consideração que tais números do fracasso, não atingem nas mesmas proporções alunos de classes sociais diferentes, ou seja, a maioria absoluta dos que fracassam, evadindo ou repetindo seguidas vezes, são alunos provenientes das classes populares.

A partir de tais colocações, pode-se concluir que realmente a escola é um importante instrumento nas mãos de um Estado anti-democrático, que pretende, a qualquer preço perpetuar as diferenças sociais, para "garantir" um sistema perverso que se apoia na pobreza de muitos para se manter em evidência. Uma observação que os representantes da elite esquecem, é que este preço é alto demais.

3 - A importância da esperança na Escola.

3.1 - Um olhar crítico as teorias crítico reprodutivistas.

Não se pode negar que as teorias sociológicas crítico reprodutivistas da educação são importantes instrumentos de reflexão sobre a escola nas sociedades. Através delas é possível constatar o quanto é política a educação e o quanto poderes externos influenciam as práticas escolares de forma significativa.

No entanto, ao nos depararmos com preceitos tão radicais de tais obras e da forma como são expostos, dificilmente poderíamos vislumbrar perspectivas diferentes para a escola, caindo em um profundo desânimo diante de teorias tão pessimistas .

A prática educativa vista através de alguns destes representantes cumpre tão somente o papel de legitimadora da “cultura” dominante exercida através dos professores , objetivando a reprodução do capital cultural entre os indivíduos ou grupos, não lhe cabendo um papel de transformação mais ampla da sociedade.

Para Giroux (1997), as grandes teorias educacionais crítico reprodutivistas erram quando apresentam uma linguagem destituída de qualquer possibilidade , o que por sua vez , acaba por contribuir para uma política anti-democrática , por não apresentar os benefícios de um discurso moral substancial ou de uma visão programática do futuro.

Ao colocarem suas posições sobre a escola como pura reprodutora das relações sociais nas sociedades capitalistas elitistas, os grandes teóricos desta linha, de um modo geral, se mostram amplamente radicais em suas considerações evitando com isso vislumbrarem formas de resistência. Tal negativa ou simplesmente o fato de não apresentarem “soluções” ou projetos de luta acabam por criar comodismo. “ *O discurso da acomodação ou de sua defesa, o discurso do silêncio imposto é o que resulta a imobilidade dos silenciados.*” (Freire, 1996, p.43)

Segundo Giroux (1997), as teorias crítico reprodutivistas são ainda anti-utópicas e desconfiam de qualquer forma de luta. Em alguns casos, recusam-se a admitir qualquer esperança ou possibilidade de que os professores e outros possam ser capazes de travar lutas contra-hegemônicas. Mostrando-se incapazes de ir além da análise da dominação, vê a escola quase que exclusivamente como agências de reprodução social, produzindo trabalhadores obedientes.

Para este autor, a natureza anti-utópica de grande parte da teoria reprodutivista radical deve-se ao isolamento das fontes de crítica social dos movimentos sociais.

Este parece ser um dos grandes erros cometido por tais autores, visto que, ao criarem suas teorias, parecem o fazer à distancia, ou seja, isolados dos centros de resistência que é a própria escola. Agindo assim, realmente é difícil conceber perspectivas otimistas diante da grande força política por trás das instituições em uma sociedade de classes como a nossa, por exemplo.

Silva (1992) enumera em seu ensaio de sociologia, duras críticas a esta forma de teoria. Segundo ele, as teorias reprodutivistas, são mecânicas e, reducionistas, ignoram o conflito, as contradições e a resistência. Supõe uma sociedade em que os interesses e a ideologia da classe dominante são impostos sobre a classe dominada quase sem nenhuma oposição ou resistência, por parte desta última; são a-históricas; são funcionalistas; supõe uma total passividade dos atores sociais; ignoram ou teorizam inadequadamente às possibilidades de transformação; são simplistas, pessimistas e derrotistas;

“as teorias da reprodução constitem uma simplificação da dinâmica social por teorizarem uma relação mecânica, por ignorarem o conflito e a contradição e por postularem uma passividade dos atores sociais”. (Silva, 1992, p.33)

Diante desta perspectiva parece que os indivíduos que fazem parte do “elenco” escolar, ou seja, professores, alunos, diretoria, pais, sociedade em si, somos meros joguetes submetidos, a forças que se movem sobre nossas cabeças, desprovidos de consciência, pensamento, saber. Somos, assim, puro instrumentos imutáveis.

A fundamentação teórica é muito importante para a construção de uma nova realidade educacional. Para isto, tais teorias devem vir acompanhadas, além da análise crítica sobre a escola e os mecanismos de poder que a gerenciam e dominam, da linguagem da possibilidade como forma de luta.

De acordo com Giroux (1997), as teorias sociais em si mesma precisam ser ressuscitadas e aprofundadas de forma a promover uma base mais crítica e abrangente para os educadores repensarem a natureza subjacente de seu projeto político e ético. Elas devem fornecer os indicadores teóricos necessários para os professores compreendam o seu papel como ativistas sociais, cujo trabalho é sustentado e formado por lutas e movimentos mais amplos.

3.2 - A importância da esperança na escola.

A educação é um processo essencial para a libertação dos indivíduos e da própria sociedade, pensar diferente disto é amesquinhar ou reduzir a função desta para o homem.

Embora não se possa negar a força da influência de fatores extra-escolares no processo educacional, acreditar na ação educativa é essencial como forma de luta contra a força hegemônica que rege as relações sociais em nossa sociedade

Freire (1988) nos alerta para a questão da esperança na prática educativa como fator essencial de transformação. Segundo ele, não é possível entender a existência humana sem esperança e sem sonho. A esperança, em sua concepção, é uma necessidade ontológica do homem. A desesperança nos

imobiliza e nos faz sucumbir ao fatalismo onde não é possível juntar forças indispensáveis ao embate recriador do mundo.

Para este autor, a esperança, é ainda, qualidade ética da luta , o essencial é que ela , enquanto necessidade ontológica, precisa ancorar-se na prática para tornar-se concretude histórica. A falta de esperança cria uma espécie de paralização. Isso interessa à classe dominante.

Do ponto de vista dos interesses das classes dominantes , quanto menos os dominados sonharem o sonho de que falo e da forma confiante como falo, quanto menos uma utopia ,quanto mais se tornarem abertas aos discursos “pragmáticos” tanto melhor dominarão as classes dominadas”. (Freire,1988,p 21)

Segundo Freire (1996), a grande qualidade da esperança é que esta faz acreditar, e acreditar nos mobiliza. Ela é uma espécie de ímpeto natural possível e necessário e que a desesperança é o aborto deste possível ímpeto.

Acreditar que a escola desempenha um papel essencial na transformação da sociedade é um ato político. Pensar assim traz conseqüências óbvias como o desmascaramento de uma possível neutralidade pedagógica.

Silva (1988) acredita que a transformação exige uma ruptura , uma desestruturação não só dos modos de pensar , como também de interesses, valores e valorações. Este processo segundo a autora, é complexo , longo e progressivo e só poderá ocorrer mediante a intervenção competente e crítica daqueles que fazem parte da escola.

Esta ruptura de que fala a autora acima , é o que faz da educação um processo não neutro, não estático e sim progressivo. Para isso é preciso uma consciência de que a educação não é subordinada e passiva , é sim uma prática ativa e fortemente influente nas sociedades .

A história tem mostrado que o Estado , a Sociedade e dentro dela , a escola ao lado de outras instituições são coisas vivas , em constante movimento , movimento este que resulta dos cruzamentos de interesses antagônicos . Há fatores nesse jogo que não podem jamais ser completamente controláveis ou previsíveis que são a consciência e a liberdade humanas, o poder de resistência e de contradições.

Pensar criticamente e realisticamente a escola exige , pois, pensar esta como uma rede complexa de interesses que incidem sobre ela , mas que também estão presentes dentro dela.

Segundo o pensamento de Freire (1988), a prática educativa não é neutra . Para ele, não há e nem jamais houve prática educativa em espaço algum que fosse neutra , comprometida apenas com idéias abstratas e intocáveis. Insistir nisso é convencer ou tentar convencer os incautos de que se pretende amansar a possível rebeldia dos injustiçados.

Nas sociedades capitalistas há sempre, por mais reduzidos que sejam, momentos de liberdade, possibilidade de críticas, de desvendamento das contradições e diferenças sociais. Parece não haver lugar mais indicado para o desenvolvimento destes momentos luminosos como na escola.

Isto por que a escola sempre foi, é e sempre será um espaço relativamente livre para a circulação de idéias, projetos e interesses do conjunto da sociedade. Ela sempre terá uma certa autonomia diante do Estado.

Giroux(1997) vê na escola um espaço democrático onde é possível desenvolver todos os potenciais do indivíduo. A escola não é de, forma alguma, ideologicamente inocente e sim local de produção cultural onde se constróem idéias, nela podemos bloquear a imposição das formas ideológicas dominantes porque é um espaço humano onde as relações dialógicas constróem uma contra-ideologia.

A escola na visão das teorias da emancipação , além de ser um lugar onde os conhecimentos são produzidos também oferecem condições de se estabelecer noções nos alunos sobre sociedade, nacionalidade, civismo, democracia . Este tipo de esclarecimento possibilita ao educando uma forma de

percepção crítica, o que pode levá-lo a notar as contradições existentes entre a uma sociedade verdadeiramente justa e uma sociedade injusta socialmente.

Coelho(1982) em suas reflexões em educação ressalta que é sempre possível um trabalho pedagógico voltado para o questionamento, a crítica, o desvelamento da verdade da história , a organização das classes subalternas , a sua instrumentalização tecnológica e esse trabalho é fundamental para a criação de um sociedade que seja de fato o reino da liberdade. *“Não há , pois motivo para o desespero ou desânimo, mas para uma coragem, sempre renovada , de assumir a luta que visa a superação da divisão social”*. (Coelho, 1982, p. 40)

A função social da escola deve ser elevar o nível cultural de toda população (não apenas de uma elite social) . Deve estar disponível a todos e de qualidade igual em todos os sentidos , onde todos possam ter acesso aos bens culturais até hoje reservados às elites.

Se a escola, principalmente a disponível às classes populares, assumir tal responsabilidade , de divulgar criticamente a todos os membros os bens culturais através da reflexão , do estudo sério e competente, da constante pesquisa e na insistência em crer no aluno e nas suas potencialidades, certamente daria condições para um máximo desenvolvimento dos educandos.

Criaria também condições de capacitar o aluno para que este tivesse as chances de enfrentar o mundo do trabalho em igual condições como os alunos, filhos das classes médias e altas da sociedade, contribuindo assim para a construção de uma nova realidade social.

É fato que a escola sozinha não pode mudar o mundo, seria ingênuo pensar assim. O próprio Freire (1996) nos alerta que é um erro decretar a escola como apenas reprodutora da ideologia dominante, como também é um erro tomá-la como uma força de desocultação da realidade, a atuar livremente , sem obstáculos e duras dificuldades.

As dificuldade existem e não se pode negar, porém saber e acreditar no processo educativo já é um grande passo para se começar a mudar. As chances para que a escola , apesar dos esforços contrários, cumpra plenamente sua função social , depende e sempre dependerá em grande parte, da

competência dos educadores que atuam nela, assim como de sua consciência e compromisso político e também da vontade política dos governantes.

4 - O professor como possibilidade.

4.1 - Educar - uma prática política

O professor é mais um dos anônimos construtores da história do nosso País. Ele carrega consigo a responsabilidade de conduzir almas e construir homens, junto é claro, da família e da própria sociedade.

No entanto, não se pode negar, ele exerce influência expressiva na formação de indivíduos. As crianças na escola, com os professores, não aprendem somente ler, escrever ou contar. Eles também aprendem valores, atitudes e modos de comportamento fortemente relevantes para o seu desenvolvimento pessoal, que acabará influenciando no seu modo de ver o mundo e participar neste.

Por isso, esse profissional têm em suas mãos uma responsabilidade estratégica dentro da sociedade. Ele têm um trabalho político, acima de tudo, mesmo que muitos ainda não percebam isso.

4.1.1 - Como o trabalho do professor contribui na reprodução social.

Cunha (1987) nos diz que os professores vivem num ambiente complexo onde participam de múltiplas interações sociais no seu dia-a-dia. São eles também produto da realidade cotidiana das escolas, muitas vezes incapazes de fornecer uma visão crítica aos alunos, porque eles mesmos não têm, porque se debatem no espaço de ajustar seu papel à realidade imediata da escola, perdendo a dimensão social mais ampla da sociedade.

“O professor nasceu numa época, num local, numa, circunstância que interferem no seu modo de ser e de agir. Suas experiências e sua história são fatores determinantes do seu comportamento cotidiano.” (Cunha, 1987, p.33)

Para esta autora alguns professores não possuem consciência clara disto porque não conseguem fazer uma análise política da realidade educacional brasileira e, muitas vezes, até rejeitam esta perspectiva. Há aqueles ainda, que não percebem que o ato pedagógico é um ato político e que, quer queiram quer não, levam isto para a sala de aula.

Os próprios cursos de formação de professores do 1º grau, colaboram na "produção" de educadores sem consciência crítica sobre seu trabalho. Estes, geralmente produzem uma formação deficitária e superficial, em todos os níveis, deixando a desejar quando não explicitam para os futuros professores a importância política e social de seu trabalho.

O que se pretende destacar é que a maioria dos professores não são responsáveis por contribuírem na reprodução social através de sua prática pedagógica. Eles também são frutos de seu meio e, muitas vezes, assumem uma postura acrítica, preconceituosa, intransigente ou autoritária (e entre outras), porque em algum momento de sua formação, por exemplo, aprenderam que era assim que se procedia.

Coelho(1982) reafirma esta posição, ao observar que alguns educadores pensam que a educação é neutra, voltada para o bem do aluno, para o desenvolvimento de suas potencialidade, a formação integral de sua personalidade, de sua conscientização ou a formação de bom cidadão. Acreditam ainda ser ponte para o progresso e o desenvolvimento da sociedade. Assim sendo, sua prática estaria desligada das relações de poder e dominação de classe.

Muitos professores, é verdade, em sua prática atuam de maneira muito pouco ética, pois não conseguem perceber o quão prejudicial representa certas atitudes para os alunos.

Práticas destrutivas do processo educativo podem ser verificadas em atitudes dos professores que insistem em manter um conjunto pré-determinado de condições de aprendizagem para manipular e adequar os alunos a formas e condicionamentos universais, num processo homogeneizador - cobrando deles atitudes, habilidades que não estão de acordo com sua realidade. Esta

cobrança , quando se processa de maneira intransigente e, às vezes, grosseira, tende ao puro autoritarismo e acaba por despertar no aluno medo ou rejeição.

Segundo Giroux (1997), isso acontece quando o professor desconsidera o seu papel social, quando não reflete sobre sua prática - reduzindo-a a racionalidade mecânica , não questiona a natureza ideológica e a utilidade dos conteúdos ensinados, não observa o interesse de sua clientela, desconhecendo a importância do valor da cultura e da relação entre cultura e poder, contribuindo também para a reprodução cultural dominante.

É necessário, pois, reverter essa situação, o professor precisa acordar da inércia que inúmeros fatores o conduzem. Fatores como a desvalorização social que sua profissão vem sofrendo ao longo dos anos, o descaso do Estado, os problemas salariais, falta de recursos etc.

Para Freire (1996), um dos piores males que o poder público vem fazendo aos professores, é fazê-los cair na indiferença e no fatalismo cínico que leva ao cruzamento dos braços. “Não há o que fazer”, este discurso acomodado não podemos aceitar.

É justamente esse o objetivo dos poderes dominantes , a indiferença dos educadores é fator fundamental para estagnação do processo de transformação da sociedade. Assim sendo, os professores que desistem de lutar e acreditar na sua prática pedagógica , mesmo que inconscientemente , contribuem para a reprodução social.

4.1.2 - A prática pedagógica na visão emancipatória.

Quanto mais instruído é um povo, melhor é a sua capacidade crítica. Esta afirmação é verdadeira, a instrução é fundamental , porém esta deve, entre outras coisas, oferecer todas as condições para a construção e compreensão crítica do mundo. Precisamos construir a emancipação social, política e econômica do indivíduo .

Essa consciência crítica não é uma coisa que se doa ao aluno ou que ele adquira de um dia para o outro. É preciso que se crie condições para que o indivíduo a desenvolva.

“ A consciência crítica não pode ser doada por alguns iluminados , mas também não surge espontaneamente. É através da luta e do trabalho coletivo que educadores e educandos criam condições para o seu aparecimento(Coelho, 1982, p.45) .

Freire (1996) nos diz que ensinar não se esgota no “tratamento” do objeto ou do conteúdo superficialmente feito, mas se alonga à produção das condições em que aprender criticamente é possível.

Uma das condições necessárias para isso é uma nova postura do educador . Ele não deve descuidar da questão da qualidade do ensino , sendo esse oferecido de maneira significativa na perspectiva de emancipar o aluno.

Segundo Freire (1996), a tarefa do docente não é somente ensinar os conteúdos mas também ensinar certo , o que exige respeito aos saberes do educando, discutindo com eles, a razão de ser de alguns desses saberes em relação ao ensino dos conteúdos.

O professor não deve freiar capacidade de criticamente pensar ou começar a pensar do educando. Se o educador anula, esmaga, dificulta o desenvolvimento dos educando, tende a gerar no ser sobre que incide, um pensar tímido , inautêntico ou as vezes, puramente rebelde.

O educador não deve duvidar um momento sequer que é na sua prática educativa crítica que, como experiência especificamente humana, a educação é uma forma de intervenção no mundo. Intervenção que além do conhecimento dos conteúdos bem ou mal ensinados e aprendidos, implica tanto o esforço de reprodução da ideologia dominante quanto o seu desmascaramento.

Contra uma prática educativa limitada, em todos os sentidos, oferecida aos filhos dos trabalhadores, é preciso um “novo” profissional em educação, é preciso uma prática cercada de ética . Para tanto, o docente não pode de forma alguma, abdicar de sua função primeira que é ensinar e difundir o conhecimento , a todos os seus alunos independente dos fatores externos.

Para Freire (1996) ensinar exige ética, e seres éticos são capazes de comparar, de valorizar, de intervir, de escolher, de decidir e de romper com as amarras tradicionais da educação. *“Transforma a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo, o seu caráter formador”*. (Freire, 1996, p. 37).

A importância de se difundir o conhecimento socialmente produzido e com caráter formador é essencial, porque este possibilita ao aluno, a compreensão da sua realidade e os fatores que influenciam a sua vida e de sua sociedade.

“O conhecimento torna-se importante na medida em que ajuda os seres humanos a compreenderem não apenas as suposições embutidas em sua forma e conteúdo, mas também os processos através dos quais ele é produzido, apropriado e transformado dentro de ambientes sociais históricos específicos”. (Giroux, 1997, p.45)

De acordo com este ponto de vista o conhecimento e a compreensão da realidade nos ajuda a sair da escuridão, nos fortalece e nos dá subsídios que podem servir de arma na luta contra a hegemonia. Esse conhecimento iluminado, deve estar disponível tanto para os professores quando para os alunos já nas séries iniciais do ensino fundamental, permeando o ensino médio e culminando no ensino superior.

Segundo Freire(1989), o trabalho do professor deve desafiar os grupos populares para que percebam, em termos críticos, a violência e a profunda injustiça que caracterizam sua situação concreta, mais ainda, que sua situação concreta não é destino certo ou vontade de Deus, algo que não pode ser mudada.

Este conhecimento, de forma alguma, deve ser aquele que domestica, que aliena ou o produzido pela ideologia dominante. Ele deve ser aquele que liberta e alerta. Os educadores devem estar cientes desta verdade.

O papel deste profissional é de grande importância nesta nova dinâmica. É imperativo que ele abandone aquela prática autoritária e acrítica que caracteriza a escola tradicional. O ato de educar visando a solidariedade, ética e a possibilidade deve ser uma atitude constante. O educador deve verificar se sua postura é ou não democrática, compreender a importância social do seu trabalho e a importância da cultura dentro do contexto escolar.

De acordo com Giroux (1997) , para que isso aconteça os professores precisarão desenvolver um discurso e um conjunto de suposições que lhes permitam atuar como intelectuais transformadores.

Enquanto intelectuais , combinarão reflexão e ação que os ajudarão a compreender as relações de poder e cultura que cercam a educação, a escola e a sua prática; ser crítico o bastante para analisar o material contido nos currículos e ficar atento as tendências ideológicas por detrás dos conteúdos ; ser acima de tudo , um estudioso e pesquisador constante sobre educação, cultura e tudo o que diz respeito a humanidade como um todo; que alie sua prática à produção de novas formas de literatura para que estas sirvam de referência de luta aos novos educadores.

Ainda de acordo com este autor, os professores como intelectuais transformadores, poderiam desempenhar e desenvolver pedagogias contra-hegemônicas que possibilitariam fortalecer os estudantes e dar-lhes o conhecimento mais amplo como agentes críticos. Assim como educa-los para a ação transformadora.

O professor deve ser capaz ainda de perceber os interesses que estão por trás das formas institucionais; ter consciência que a educação não é neutra, para que assim deixe de ser um instrumento de propagação da alienação política e social para seus alunos.

De acordo com a teoria da emancipação o professor, oferece sua contribuição quando faz de sua prática diária um campo de discussões que leva o aluno a questionar as idéias por trás dos conteúdos programáticos

oficiais; ser capaz de remodelar tais conteúdos de acordo com os interesses dos alunos ; resgatar da história , acontecimentos de lutas passadas que foram apagados dos programas como se não tivessem existido; resgatar e valorizar todas as formas de cultura numa integração e troca de saberes.

O professor como intelectual transformador nunca se isola ou fica de fora dos espaços de discussão que envolve a questão da educação. Ele deve estar atento a movimentos pró-educação, informado das lutas sindicais e ao lado do povo contra as injustiças. *“A democratização da escola e da educação envolve a necessidade de que o professor formem alianças com outros professores”*. (Giroux, 1997,p44).

Atitudes deste tipo só é possível quando o educador assume um compromisso com práticas transformadoras, com ideais progressistas , que exige dele, confiança , espírito crítico e trabalho.

Segundo Freire (1979), o compromisso , próprio da existência humana , só existe no engajamento com a realidade. Somente assim o compromisso é verdadeiro. O professora jamais deve ser neutro.

“A neutralidade frente ao mundo, frente ao histórico, frente aos valores, reflete apenas o medo que se tem de revelar o compromisso.” (Freire,1979,p.66)

O compromisso também exige do professor, pesquisa constante, necessária ao seu trabalho. Ser um questionador de “formulas prontas” , que muitas vezes estão repletas de ideologias, que embora pareçam cheias de “boas intenções” , promovem outras formas de reprodução das condições sociais via escola.

De acordo com Freire (1979), o professor não deve ficar passivo diante do mundo de técnicos , repleto de especialistas salvadores dos demais, donos da verdade, proprietários do saber, que doam aos “ignorantes” e incapazes.

É verdade que ele deve buscar formas de leituras , porém sempre de maneira crítica , que o faça questionar preceitos e discutir posições , nunca aceitá-las simplesmente e acatá-las .

“Se o professor procede assim não se compromete verdadeiramente como profissional nem como homem. Simplesmente se aliena”. (Freire, 1979, P.58).

Da mesma forma como diante de “técnicos e especialistas” o professor não deve se subjugar como profissional, igualmente diante de seus alunos ele não deve de forma alguma, assumir atitudes arrogantes, que o faz supor-se superior ao aluno.

De acordo com a visão progressista da educação, o professor deve valorizar as questões culturais que envolvem o processo educativo.

Freire (1996) nos alerta que a prática progressista exige dos educadores que respeitem os educando e jamais os manipulem, subestime ou neguem os saberes e experiências trazidos por estes, quando chegam a escola ou aos centros de educação informal.

Proceder de maneira contrária a isso, significa subestimar a sabedoria que resulta necessariamente da experiência sócio-cultural, o que representa ao mesmo tempo um erro científico e a expressão inequívoca da presença de uma ideologia elitista.

Segundo Freire(1979), não há compromisso verdadeiro com a realidade, com os homens concretos ou com ações transformadoras, se desta realidade e destes homens se tem uma idéia de inferioridade ou incapacidade, se subjulgamos sua cultura e sua capacidade de ser social e histórico.

Por isso o educador não pode se colocar numa posição superior, daquele que ensina um grupo de ignorantes, mas sim na posição humilde daquele que comunica um saber relativo a outros que possuem outro saber relativo.

O professor social que opta pela mudança não teme a liberdade, não prescreve, não manipula, não foge da comunicação, pelo contrário, a procura e vive. Todo o seu esforço que opta pela mudança não vê nesta uma ameaça.

Enfim, a prática educativa exige do educador além de todos os aspectos que se pode esperar de um profissional um profundo sentimento de amor.

Pois segundo Freire (1979) , não há educação sem amor. O amor implica luta contra o egoísmo e quem não é capaz de amar os seres inacabados e trabalhar pelas injustiças não pode educar. Não há educação imposta , como não há amor imposto. Quem não ama não compreende o próximo, não respeita , não têm esperança , por isso não crê em mudança.

5 - Conclusão..

A realização deste trabalho tornou-se ao longo de seu desenvolvimento , um momento de reflexão sobre os destinos que podemos dar a escola , a partir do momento que temos consciência de tudo que ela representa dentro de uma sociedade.

Se retomarmos criticamente o início deste trabalho será possível perceber que as teorias crítico reprodutivistas da educação mostram , de maneira clara e direta, não deixando dúvidas ou considerações, o que a escola representa para o Estado dentro de uma sociedade capitalista.

Ela representa - não oficialmente, um “espaço” onde se deve formar e controlar mentes. Para isso precisa de regras e vigilância , pois é necessário que se cumpram rigorosamente as “profecias” de um sistema econômico cruel , que objetiva a manutenção das relações de classe, para que se possa garantir ao dominador o domínio sobre o dominado . Para isso o Estado procura “gerenciar” a escola , ajustando sua prática a tais interesses, evidentemente , cuidadosamente “camuflado”.

Diante desta afirmação, a escola parece ficar pequena , indefesa , subjugada. Parece mesmo difícil acreditar que a ela possa ser lugar de resistência ou “foco” de transformações.

Mesmo tendo consciência de todos os obstáculos impostos à escola - principalmente as públicas - e ao trabalho docente , não podemos cair no fatalismo e nos acomodar . É preciso coragem , força de vontade para lutar.

Isso conseguimos a partir de um sentimento - a esperança. Essa não floresce na apatia , mas no entusiasmo que gera o otimismo em busca de um novo mundo , construído com o auxílio de uma nova escola.

Para isso é fundamental um novo professor. Essa melhoria dependerá efetivamente do profissional de educação .

É essencial para isso que ele se interesse pelas novidades, esteja atualizado, que estude as novas (e velhas) tendências educacionais, reflita sobre elas , para que saiba se cabem ou não , em sua nova sala de aula , assim também como os conteúdos dos programas oficiais; que procure juntar

interesses, saindo do isolamento ; que acredite no seu aluno e no seu trabalho; que atue de maneira democrática , eficiente , crítica e corajosamente política em defesa da humanização do seu aluno.

O professor deve ainda, olhar a escola por dentro, pois ela é um espaço vivo e cheio de vida . Seus alunos são agentes e não sujeitos e merecem que o educador os veja assim. Ele precisa ser se respeitado e valorizado socio-culturalmente. Ele é o futuro deste País.

As idéias democráticas devem ser asseguradas , ao longo das atividades escolares , porque numa sociedade democrática e popular, as aspirações do povo e do educador são o fio condutor para uma educação de qualidade.

É fato que são inúmeros os obstáculos existem na escola e no caminho do educador. Seu salário é medíocre, suas condições de trabalho precárias, seu valor social amesquinhado ideologicamente . Essa realidade, no entanto, deve ser um incentivo a mais para que este comece a trabalhar duro , mudando a realidade desta escola que reproduz as relações sociais buscando, uma escola que produza as transformações sociais.

6 - Referências bibliográficas.

- * ALTHUSSER, Louis. Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado. Rio de Janeiro: Grall, 1983
- * BOURDIEU, Pierre, PASSERON, Jean Claude. A Reprodução: Elementos para uma Teoria do Sistema do Ensino, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975
- * BOURDIEU, Pierre. A Economia das Trocas Simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- * CHAÛÍ, Marilena. Convite a Filosofia. São Paulo: Ática, 1995.
- * COELHO, Ildeu, BRANDÃO, Carlos Rodrigues, CHAÛÍ, Marilena, FREIRE, Paulo, ALVES, Rubens, ARROYO, Miguel. Educador Vida e Morte. Rio de Janeiro: Graal, 1982.
- * CUNHA, Maria Isabel de. A Didática e a Produção do Conhecimento. São Paulo: Tecnologia Educacional, 1987.
- * FREIRE, Paulo. Educação e Mudança. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- _____, SHOR, Ira. Medo e ousadia - O Cotidiano do professor. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- _____. A Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- _____. Pedagogia da autonomia - Saberes necessários à sua prática. São Paulo: Paz e Terra, 1996

- * GIROUX, henry. Os professores como Intelectuais. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- * ILLICH, I . A Sociedade descolonizada. Barcelona: Barral, 1974.
- * LEMBO, Jonh M. Porque falham os professores. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1975.
- * MOLL, Jaqueline, ABRAMOWICZ, Anete. Para além do fracasso escolar. São Paulo: Papyrus, 1997.
- * SILVA, Sônia Aparecida I. Valores em educação - O problema da Compreensão e da operacionalização dos valores na prática educativa. Rio de Janeiro: Vozes, 1988.
- * SILVA, Tadeu Tomaz da. O que produz em educação: ensaio de Sociologia da Educação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- * SOARES, Magda. Lingüagem e escola - Uma perspectiva social. Rio de Janeiro: Ática , 1988.